Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 19 – Dezembro/2020

Tourada:
A denúncia da cultura do sofrimento em Portugal - reflexos na narrativa *Miura* (1940), de Miguel Torga (1907-1985).

Bullfight:
The denunciation of the culture of suffering in Portugal- reflections in the Miura narrativa (1940), by Miguel Torga (1907-1985).

Denise Rocha•

Resumo

O objetivo do estudo é interpretar na narrativa *Miura*, de Miguel Torga (1907-1985), o sofrimento do touro humanizado e sua participação, juntamente, com Malhado, Bronco e Mira, em uma tourada que reflete a bestialidade humana no trato com bichos, que são sacrificados em um espetáculo de entretenimento popular. O escritor denuncia a selvageria do festejo, que se intensifica com a entrada colossal do toureiro na arena e a apoteose final com a autoimolação de Miura. A análise será feita a partir da simbologia do touro, da tauromaquia (aspectos estético, passional e sagrado), da tradição das touradas em Portugal, das legislações e do engajamento do escritor (Sartre) em denúncias sobre atos sangrentos contra animais.
Palavras-chave: Tourada, literatura portuguesa, denúncia.

Abstract

The aim of the study is to interpret in the narrative Miura by Miguel Torga (1907-1985), the suffering of the humanized bull and its participation, together Malhado, Bronco and Mira, in a bullfiht that reflects human bestiality in deling with animals, which are sarificed in a popular entertainment show. The writer denounces the wildness of the celebration, which intensifies with the colossa entry of the bullfighter into the arena and the final apotheosis with Miuras´s self-immolation. The analysis will be based on the symbolism of the bull, bullfghting (aesthetic, passionate and sacred aspects), the tradition of the bullfighting in Portugal, the legislation and the engagement of the writer (Sartre) in complaints about bloody acts against animals.
Keywords: Bullfight, Portuguese literature, dencunciation.

Enviado: 29/09/2020
Aprovado: 14/12/2020

• Graduação em Letras e Doutorado em Literatura e Vida Social na UNESP, Assis. Bacharelado em História e título Magister Artium pela Ruprecht-Karls-Universität, em Heidelberg, Alemanha.

Introdução.



Fig. 1- Póvoa de Varzim (Portugal):
Toureiro com a muleta (pano vermelho) e touro ferido com bandarilhas

Um frêmito de revolta arrepiou-lhe o pelo.
Dali a nada, ele. Ele, Miura, o rei da campina!
(*Miura*, de Miguel Torga, 1996, p. 111)

A tortura e a morte de um touro na apoteose final de um espetáculo sangrento, a gritos de olé, foram denunciadas pelo escritor Miguel Torga (1907-1985), em *Miura*. Publicado na antologia *Bichos*, em 1940, o conto, cujo título apresenta o nome do animal de chifres protagonista, revela a perspectiva humanizada dele diante do seu algoz.

A corrida de touros,[1] tema principal da narrativa de Torga, é conhecida também como tourada, praça de touros ou tauromaquia. Trata-se da lide, uma atividade humana de burlar o animal, que investe contra um pano vermelho (muleta), a fim de atingir o toureiro, e que é realizada a pé ou a cavalo. Os animais, criados nas lezírias do Ribatejo, a partir dos 4 anos de idade, são enviados e confinados nos curros das arenas de lutas e atiçados com picos nas costas, antes de entrarem nos pátios de confrontos mortais.

Em Portugal, tal atividade de enfrentamento do animal e do homem, apesar de inúmeros protestos de ativistas contra os maus tratos de animais ainda vigora.

[1] Outras atividades realizadas com animais - touro, vaca e boi - em Portugal são: "as esperas, as touradas à corda, a capela raiana, a chega de bois, a vaca de fogo". (CAPUCHA, 1992, p. 734)

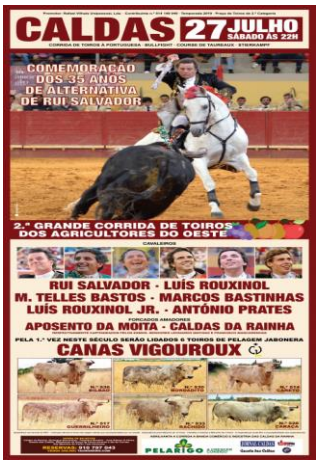


Fig. 2- Cartaz da corrida nas Caldas da Rainha (27 de julho de 2019):
Nome dos 6 toureiros e dos 6 touros de pelagem jabonera.

O touro é um dos animais personagens de pelo e de pena da antologia *Bichos* (*Nero*, *Mago*, *Madalena*, *Morgado*, *Bambo*, *Tenório*, *Jesus*, *Cega-Rega*, *Ladino*, *Ramiro*, *Farrusco*, *Miura*, *O Senhor Nicolau e Vicente*), de autoria de Miguel Torga. No prefácio da obra, ele explicou: "Querido Leitor: São horas de te receber no portaló da minha pequena Arca de Noé. [...] És, pois, dono como eu deste livro, e, ao cumprimentar-te à entrada dele, nem pretendo sugerir-te que o leias com a luz da imaginação acesa, nem atrair o teu olhar para a penumbra da sua simbologia". (TORGA, 1996, p. 9). Nesta Arca vivem os animais de pelo e de pena humanizados: o touro Miura, o cão Nero, o gato Mago, o jerico Morgado, o sapo Bambo, o galo Tenório, o pardal Ladino e o melro Farrusco.

Protagonista homônimo do conto *Miura*, o imponente animal, oriundo da lezíria ribatejana (Portugal), exterioriza sua revolta contra uma tradição popular da península Ibérica, a lide do touro, a pé ou a cavalo, que ocasiona: a tortura e a morte do animal de chifres, e muitas vezes, o sofrimento, a mutilação e o falecimento do cavalo de toureio e do próprio toureiro. Antropomorfizado, o touro Miura, livre senhor dos pastos em sua terra natal, expressa os sentimentos de indignação sobre sua situação de prisioneiro, confinado em um cubículo de cimento, no interior da arena de touradas. Ele aguarda sua entrada no pátio, para o confronto final com um homem.

O objetivo do estudo é interpretar na narrativa as etapas das corridas de touro, com a participação de Malhado, Bronco e Mira, que refletem a bestialidade humana no trato com bichos, que são sacrificados em um espetáculo de entretenimento popular. A análise será feita a partir da simbologia do touro, da tradição das touradas em Portugal, das legislações e do engajamento do escritor (Sartre) em denúncias sobre atos sangrentos contra animais.

1- Miguel Torga e o papel do escritor engajado (Sartre).

Agraciado com o Prémio Camões no ano de 1989, Adolfo Correia da Rocha (1907-1995), conhecido nos meios artísticos como Miguel Torga, foi médico e autor de romances, peças teatrais, poesias e ensaios. [2] Foi distinguido também com o Grande Prêmio Internacional de Poesia das Bienais Internacionais de Knokke-Heist (1976) e com o Prêmio Montaigne (1981), da Alemanha.

Nascido em São Martinho de Anta, em Vila Real, Adolfo, aos 11 anos de idade, foi viver com parentes distantes na cidade do Porto, onde fez pequenos trabalhos. Um ano mais tarde, ele ingressou no Seminário de Lamego e interrompeu os estudos. Aos 13 anos de idade (1920), ele viajou para Minas Gerais, no Brasil, a fim de trabalhar na fazenda de café de seu tio, que lhe financiou os estudos no ginásio de Leopoldina. Regressou a Portugal e formou-se em Medicina, na Universidade de Coimbra. Iniciou sua carreira de otorrinolaringologista nas regiões rurais de Trás-os-Montes e Alto Douro, que se tornaram pano de fundo de algumas obras.

Na região de São Lourenço e de Santa Marta de Galafura (Portugal) havia a tradição de caça de perdizes,[3] que cativava o médico Adolfo, o qual tinha como companheiro de armas o padre Avelino Silva. Na entrevista *Contemporâneo de Miguel Torga destaca homem solitário, íntegro e duro*, publicada em 16 de janeiro de 2007, o sacerdote lamentou que faltou ao escritor o reconhecimento do Nobel de Literatura. (CONTEMPORÂNEO, 2007, p. 1)



Fig. 3- Adolfo, acompanhado de cão caçador e de uma espingarda, com perdizes abatidas e presas em um cinto.

[2] Prosa: *A Terceira Voz* (1934), *Os Dois Primeiros Dias* (1937), *O Terceiro Dia da Criação do Mundo* (1938), *O Quarto Dia da Criação do Mundo* (1939), *Bichos* (1940), *Contos da Montanha* (1941), *Rua* (1942), *O Senhor Ventura* (1943), *Novos Contos da Montanha* (1944), *Vindima* (1945), *Portugal* (1950), *Pedras Lavradas* (1951), *O Quinto Dia da Criação do Mundo* (1974), *Fogo Preso* (1976), *O Sexto Dia da Criação do Mundo* (1981), *Fábula de Fábulas* (1982), *Diário* (1941-1994), 16 volumes, *Pão Ázimo* (2000), e *Criação do Mundo* (2000). Peças de teatro: *Terra Firme e Mar* (1941), *Sinfonia* (1947), *O Paraíso* (1949), *Portugal* (1950) e *Traço de União* (1955). Poesia: *Ansiedade* (1928), *Rampa* (1930), *Abismo* (1931), *O Outro Livro de Job* (1936), *Lamentação* (1943), *Libertação* (1944), *Odes* (1946), *Sibi* (1948), *Cântico do Homem* (1950), *Alguns Ibéricos* (1952), *Penas do Purgatório* (1954), *Orfeu Rebelde* (1958), *Câmara Ardente* (1962), *Poemas Ibéricos* (1965), *Poesia Completa* (1997, 2000 e 2017), três volumes. Escreveu muitos ensaios.

[3] A tradição portuguesa de caça de aves (perdiz, rola, pomba, pato, codorniz e faisão) e de mamíferos (coelho, raposa, lebre e javali) é regulamentada com a carta de caçador, uso e porte de arma e armas legalizadas. (HÁ CAÇA, 2006, p. 1)

A temática animais – proteção e extermínio – revela-se na vida do escritor, conforme já acima referido, e em sua obra, principalmente, em *Bichos* (1940) *e Contos da Montanha* (1941), nos quais sobressaem-se as narrativas, *O Caçador* e *A caçada*, que descrevem a tradição de busca de animais silvestres para fins de alimentação.

Em relação ao engajamento do intelectual, Jean-Paul Sartre defende, em *Que é literatura?* o papel do intelectual não-neutro, o de crítico diante da realidade histórica e social: "[...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele". (SARTRE, 1993, p. 21). Ele deve ter um comprometimento com as questões sociais; expressar críticas diante da realidade histórica e social, entre outros aspectos.

O escritor português Miguel Torga assume a postura do intelectual engajado, de acordo com Sartre, ao denunciar no conto *Miura*, publicado em 1940, as crueldades praticadas nas touradas. Não se trata de literatura engajada, mas de libelo literário acusatório.

2- A cultura da tauromaquia (combate com touros): simbologia e tradição.

O touro está vinculado à simbologia de várias culturas: "Considerado valioso animal sacrifical para muitos povos o touro é relacionado ao sol (fertilidade) e à lua (chifres em forma do crescente lunar). É símbolo da força, da combatividade masculina, da ferocidade" (ROSA, 2009, p.14), segundo Maria Cecília A. de Rosa, no *Dicionário de símbolos*: o alfabeto da linguagem interior. O touro aparece na mitologia de diversos povos e nos Signos do Zodíaco:

> Representa o deus egípcio da fertilidade Ápis e também comparado com Osíris Deus dos Mortos. Comemorava-se a morte e ressurreição do touro Ápis, elegendo novo touro. Para a civilização minóica era símbolo de poder e fertilidade. Presente também na mitologia ariana simbolizando a fertilidade cósmica. Representado no culto de Mitra em sacrifício de morte e batismo de sangue simbolizando o conflito das forças da fertilidade, da morte e da ressurreição. O Deus Xiva indiano era relacionado ao touro branco símbolo das forças da fertilidade. Associado às tempestades por alguns povos. Para a psicanálise simboliza as forças animalescas e a sexualidade dos homens. O Touro é o segundo Signo do Zodíaco, é um signo da terra, feminino, negativo (passivo) e fixo". (ROSA, 2009, p.14)



Fig. 4- Touro: Signo do Zodíaco

Tal mamífero com chifres foi utilizado desde a Antiguidade Clássica em festas de entretenimento com animais, denominada de "tauromaquia" (grego *tauromachia*, combate com touros). O registro iconográfico mais antigo da realização de touradas foi encontrado na ilha de Creta, no palácio de Knossos. (TAUROMAQUIA, s.d., p. 1)



Fig. 5- Afresco do salto do touro (1550-1450 a.C.). Palácio de Knossos, Creta

Em Roma, o imperador Júlio César introduziu um tipo de tourada, na qual cavaleiros de Tessália perseguiam diversos animais pela arena até que eles ficavam cansados e eram executados. O uso da capa para provocar o touro foi registrado pela primeira vez, na época do imperador Cláudio (10 a. C.-54 d. C.). (TAUROMAQUIA, s.d., p. 1)

3- A arte da tourada: A lide e a pega.

A tourada, realizada no pátio de quadrilhas, consiste na lide, na arte de lidar (burlar com um pano vermelho) e na pega. Na tourada de 6 touros bravos, a pé ou a cavalo, cada cavaleiro lida com um deles, e tenta de três formas (a "frontal", "em violino" e "ao pinton ao contrário") abordar o animal, para cravar no dorso, em tempo determinado, o maior número de bandarilhas (farpas de madeira com pontas de ferro, adornadas com papel de seda colorido) primeiro com longas e depois, com curtas que o machucam, o sangram e o irritam.

Após a lide, entra o "peão de Brega", um cavaleiro subalterno, com um capote que posiciona o touro da melhor forma, normalmente, junto às tábuas da arena, para que o grupo de forcados tenha espaço para pegar o bicho: Eles agarram o touro: 6 fazem a pega de caras (chifre e cabeça), 1 faz a pega de cernelha (parte das costas) e o outro (rabejador ou leme) segura o rabo do touro, na tentativa de deter os seus avanços, derrubá-lo e imobilizá-lo. Existe uma variante, a tourada com o forcão, que é feito com troncos de carvalho, tem o formato triangular com final em forquilha, pesa cerca de 300

Kg e são necessários 30 homens para erguê-lo. Este tipo de lide é realizada na região de Ribacôa, nas aldeias da raia, conhecida como Capeia Arraiana. (CAPEIA ARRAIANA, s.d., p.1)

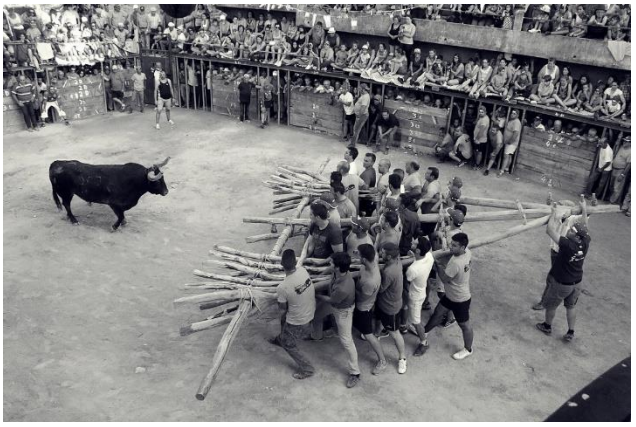


Fig. 6- A lide do touro com forcão (Capeia arraiana)

Fernando Teixeira, na obra. *O touro e o destino*: Morte e ressurreição a las cinco en punto de la tarde, esclarece que: "Sem dúvida o touro é a vítima mais freqüente, mas quem lhe conhece o olhar do momento do ataque sabe que aquela agressividade geneticamente impressa naquele e só naquele animal se assemelha a um destino implacável que termina infalivelmente na morte súbita e violenta" (TEIXEIRA, 1994, p. 105). Sabe-se que a maioria das cornadas mais violentas e mortais ocorre quando os animais já estavam agonizando.

Em relação ao ato final com estoque (lâmina triangular com 75 cm. de comprimento) que mata o touro, Luís Capucha no artigo *Festas de touros*, enfatiza que o golpe é desferido na "cruz" do animal (parte dianteira do tronco do animal, na perpendicular dos membros inferiores): Trata-se de um momento difícil: "A sorte de matar é particularmente perigosa para o toureiro, porque é o único momento em que o toiro é levado pelo engano da muleta sem que o toureiro, seguindo o movimento da espada, possa ver onde coloca a cara!". E que seria interessante refletir sobre: "a carga simbólica que existe no momento culminante do sacrifício do deus-toiro, preparado toda a vida para cumprir esse destino em benefício da comunhão entre os homens, relacionando-a com o local da morte, a cruz do toiro, e a técnica obrigatória utilizada pelo toureiro, que com ele tem de "se cruzar", levando-o com a muleta colocada na mão esquerda a passar pela sua direita, em cuja mão empunha o estoque de matar". (CAPUCHA, 2013, p. 163). Em algumas praças, muitos toureiros e cavalos de toureio (treinados e ensinados para a luta na arena) também morrem, vítimas das estocadas dos touros. "Quando o toiro colhe um ser humano pode ocorrer uma "cornada", se o corno fere a pessoa com alguma gravidade, um "puntazo" se apenas se produz uma pequena ferida, ou uma "voltereta" se a

pessoa é projetada (no ar, para a frente ou contra o chão) sem se produzirem lesões graves (podem acontecer pequenas escoriações ou contusões). A colhida é séria se produzir cornada ou se a voltereta provocar lesões graves". (CAPUCHA, 2013, p. 149)

4- Touradas em Portugal: história e legislações.

As corridas de touro fazem parte da cultura portuguesa. Em relação ao conceito de cultura,[4] foi estabelecido na Declaração do México, oriunda da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, no ano de 1982:

> Assim, ao expressar a sua esperança na convergência final dos objetivos culturais e espirituais, a conferência concorda em que, no seu sentido mais amplo, a cultura pode ser considerada atualmente como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. (LEGISLAÇÃO, 1982, p. 1 e 2)

Em 2014, a própria legislação de Portugal definiu a tourada como cultura lusa. No preâmbulo do Decreto-Lei nº 89/2014 de 11 de junho é estabelecido que:

> [...] a tauromaquia é, nas suas diversas manifestações, parte integrante do património cultural popular portuguesa. Entre as várias expressões, práticas sociais, eventos festivos e rituais que compõem a tauromaquia, a importância dos espectáculos em praças de toiros está traduzida no número significativo de espectadores que assistem a este tipo de espectáculos. (PT., Decreto-Lei nº 89/2014, p. 1).

Tal tipo de cultura de embate entre homem e animal tem longa tradição em Portugal, segundo Joana V. de Pina, em *Espaço de Cultura no Campo Pequen*o: definição de uma estratégia. Vários reis foram toureiros a cavalo: D. Sancho II (1209-1248), D. Afonso VI (1554-1578), D. Sebastião (1554-1578), D. Miguel (1802-1866) e D. Carlos I (1863-1908). D. Pedro II (1648-1706) toureava a pé. D.

[4] O conceito de cultura é amplo e tem sido utilizado em distintos campos semânticos, como substituto de outros termos, como "mentalidade", "espírito", "tradição" e "ideologia" (CUCHE, 2002, p. 203), segundo Denys Cuche em *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais*. Cuche mencionou que Edward Burnet Tylor (1832-1917), considerado o fundador da antropologia britânica, enfatizou a concepção universalista da cultura.
O termo cultura abrange três concepções, entre outras: modos de vida coletiva; obras e práticas artísticas e atividades intelectuais e de entretenimento; e fator de desenvolvimento humano.
Em *Dimensões da cultura e políticas públicas*, Isaura Botelho destaca que a incorporação da dimensão antropológica da cultura envolve a formação global do indivíduo, a valorização de seus modos de vida e a de suas manifestações simbólicas e materiais etc. (BOTELHO, 2007, p. 110).
No artigo *Políticas culturais*: entre o possível e o impossível, Antonio A.C. Rubim enfatiza que a profusão das "indústrias", dos mercados e dos produtos culturais; o desenvolvimento das tecnologias sociais de criação e de produção simbólicas; o aumento de criadores; o surgimento de novas modalidades e habilidades culturais e a concentração de recursos nesta área propiciam, na contemporaneidade, as perspectivas de uma diversidade multicultural e de reorganizações da cultura. (RUBIM, 1997, p. 114)
Néstor Garcia Canclini, no artigo *Políticas culturales y crisis de desarrollo*: um balance latino-americano, salienta que seria possível ver a cultura: "como parte de la socialización de las clases y los grupos en la formación de las concepciones políticas y en el estilo que la sociedad adopta en diferentes líneas de desarrollo". (CANCLINI, 1987, p. 25)

Sebastião pediu ao Papa Gregório que revogasse a Bula Pontifícia (1567), de Pio V (1504-1572) que proibia as praças de touro. (PINA, 2012, p. 5 e 6)

Em *As touradas em Portugal*: breve história de uma atividade polêmica, Sérgio Caetano detalha a tradição de festas tauromáquicas - proibições e valorizações. O rei D. Pedro II introduziu a obrigação do embolamento, a proteção nos cornos, para se evitar ferimentos graves e mortes. No início do século XVIII, as touradas sangrentas continuaram, com o uso de rojões, lanças, espadas, meias-luas e matilhas de cães ferozes. Em 7 de julho de 1809, o príncipe regente D. João interditou as praças de touro, mas havia ainda a possibilidade, em caso de festas de beneficiência. As touradas de morte acabaram com a portaria 2:700 de 6 de abril de 1821, e foram totalmente abolidas em 1836, por decreto de D. Maria II (1819-1853). Com D. Miguel (1802-1866), entretanto, floresceu o negócio das touradas com o início da criação dos animais nas lezírias do Tejo e com a construção do Campo Santana, arena de espetáculos, em Lisboa. (CAETANO, 2003, p. 1).

A partir de 1919, as touradas foram proibidas, com pena correcional de 5 a 40 dias, em caso de reincidência, segundo o Decreto nº 5650, de 10 de maio. Porém, nos anos 1930, durante o Estado Novo, de António Salazar (1889-1970), as corridas foram valorizadas, inclusive, foram feitos filmes sobre o tema, como *Gado Bravo* (1934), *Severa* (1939), *Sol e Touros* (1949), *Ribatejo* (1949), e *Sangue Toureiro* (1958). Além disso, foram construídas praças de touros em Beja (1947), Póvoa de Varzim (1949), Moita (1950), Almeirim (1954), Montijo (1957), Cascais (1963, demolida em 2007), Santarém (964), e Coruche (1966). (CAETANO, 2003, p. 1). Desde 2002, a legislação permitiu as praças de touros com morte do animal em locais tradicionais, como na vila de Barrancos e, em 2014, em Monsaraz.

Verifica-se que, em Portugal, apesar dos vários grupos de defesa dos animais, o legislativo consolida ainda mais as touradas. No Decreto-Lei nº 301, de 17 de agosto de 1991 foi regulamentada a vigência do regimento dos espetáculos tauromáquicos. E foi aprovado o Regulamento para dignificar o Espectáculo Tauromáquico, segundo o Decreto Regulamentar nº 62, de 29 de novembro de 1991, que definia os tipos de espetáculos (corridas de toiros, novilhadas, corridas mistas, populares e variações taurinas), publicidade, banda de música, delegados técnicos tauromáquicos (diretor do espetáculo e médico veterinário), criação da Comissão de Tauromaquia (CT) etc. (PT., Decreto nº 62/91, s.d., p. 1-9).

Depois de 23 anos da última legislação sobre as touradas surgiu o Decreto-Lei nº 89/2014 de 11 de junho, que estabelecia um Novo Regulamento do Espectáculo Tauromáquico, que foi expandido pela Lei nº 31/2015 de 23 de abril, a qual estabelece o regime de acesso e exercício de

atividade de artista tauromáquico e de auxiliar de espectáculo tauromáquico, as categorias de artistas e auxiliares tauromáquicos (cavaleiros, cavaleiros praticantes, novilheiros, novilheiros praticantes, forcados, toureiros cómicos, bandarilheiros, bandarilheiros praticantes e amadores de todas as categorias). Auxiliares (moço de espada, campineiro e embolador) (PT., Decreto-Lei nº 89/2014, p. 2038-2041). Portanto, no país ainda prevalece a nefasta prática de touradas, nas quais os touros são brutalizados.[5]

5- Embate final com sangue em *Miur*a, de Miguel Torga.

Em relação à antologia *Bichos*, Mônica de Oliveira Faleiros no artigo *Entre a liberdade e a opressão*: uma leitura comparativa de "Mago" de Miguel Torga e a fábula "O lobo e o cão", comenta:

> Os bichos dos textos de Torga, diferentemente dos das fábulas, são configurados a partir de suas subjetividades por um narrador que combina uma focalização zero com a perspectiva passando pelo personagem, registrando seu fluxo interior, por meio de discurso indireto livre, o que lhes confere dimensão e profundidade interior. (FALEIROS, 2008, p. 4)

O touro como tema artístico e literário surge na Antiguidade Clássica: o poeta Píndaro, nascido em 518 a. C., faz referências líricas sobre a celebração dos touros durante as Olimpíadas. Na literatura espanhola, ele aparece nas *Cronicas del Cantar del Mio Cid*, bem como nas obras de Alfonso X, Lope de Veja, Blasco Ybañes e Federico Garcia Lorca. Este escreveu *La sangre derramada*, dedicado ao toureiro Ignacio Sanchez Mejias, que morreu na arena de Manzanares, no ataque provocado pelo touro Granadino. Alguns poemas musicados, no estilo de pasodoble, são entonados nas praças de touro na Espanha como: *Manolete* (nome de um toureiro morto na arena), de Pedro Rozco, além de outros: *Marcial Lalanda*, *Curro Romero*, conhecido como *Gallito*, e *El Gato Montés*, *España cañi*, *En "er" mundo*, *Suspiros de España, La Gracia de Diós e Y Viva España.* (TOUROS, 2016, p. 1)

[5] Amor às touradas revelam:
Artistas, cineastas, escritores, intelectuais, políticos e esportistas de língua portuguesa: Amália Rodrigues, Camané, José Cid, Raul Solnado, Nicolau Breyner, Júlio Pomar, Camões, Ramalho Ortigão, António Nobre, Manuel Alegre, Vasco Graça Moura, Antonio Lobo Antunes,Vera Jardim, Marcelo Rebelo de Sousa, Jorge Sampaio, Siza Vieira, Mário Soares, entre outros.Artistas, cineastas, escritores, políticos e esportistas de língua espanhola (Goya, Miró, Picasso, Salvador Dalí, Luís Buñuel, António Banderas, Javier Barden, Pedro Almodóvar, Federico Garcia Lorca, Camilo José Cela, Mario Vargas Llosa, Baltazar Garzón e Sergio Ramos); artistas, cineastas, escritores, políticos e esportistas de língua inglesa (John Coltrane, Charles Chaplin, Orson Welles, Grace Kelly, Ava Gardner, Sharon Stone, James Dean, Francis Bacon e Ernst Hemingway) e artistas, cineasta, estilistas de moda, escritores, esportistas e políticos de língua francesa: Georges Bizet, Christian Lacroix, Jean Nouvel, Jean-Paul Gaultier, Jean Cocteau, Zidane, Nicolas Sarkozy etc. (TOURADAS, s.d., p. 1)

No Brasil, o poeta João Cabral de Melo Neto escreveu *Alguns toureiros,* e Murilo Mendes elaborou *O rito cruento*. E em Portugal, Abel Botelho foi o autor de *Última corrida de touros em Salvaterra* (1898). O escritor Ferreira de Castro, depois de assistir a uma tourada, a convite do escritor sevilhano Muñoz San Roman, escreveu suas impressões a respeito da performance do toureiro Belmonte e do público, publicadas no artigo A propósito da legalização dos touros de morte em Portugal, publicado em *A Batalha*: Semana Ilustrado, de 16 jun. 1924, edição nº 29: "Eu amo a galhardia mas odeio a barbaridade. Eu amo os gestos audaciosos, arrojados, mas detesto-os profundamente sempre que eles se traduzem em crueldade. E por isso eu desprezo os heróis, aqueles sobre cuja bravura se tece uma sinistra auréola de sangue". O toureiro, com uma espada, desce do cavalo: "vai matar o touro que está vomitando sangue, rugindo de dor ". (FERREIRA DE CASTRO, 1924, p. 1)



Fig. 7- Miguel Torga e os Bichos (Pintura de Anafonso)

O conto *Miura* tem um nome que remete a uma linhagem de touro, ágil e feroz, que foi gerada a partir de cinco raças, na região da Andaluzia, na Espanha (MIURA, 2013, p. 1).

O touro Miura, juntamente com Malhado e Bronco, estão confinados em espaços reduzidos da praça de touros, no aguardo da entrada na arena circular. Cada um deles será afrontado pelo toureiro paramentado com roupa colorida e munido com a muleta. Trata-se de um grande pano vermelho, que é movimentado como forma de seduzir o bicho ao ataque contra o toureiro. Quando o animal avança, o homem puxa o tecido e o touro pouco consegue e revida, muitas vezes, para delírio da multidão. Desesperado, Miura mata um toureiro, que é substituto por outro, o qual consegue fugir de suas investidas, pulando a vedação. E a um terceiro ele entrega sua vida ao golpe do estoque.

A narrativa, estruturada em discurso direto e indireto livre, revela um narrador capaz de descrever com minúcias a vida do touro, desde seu nascimento, preparação para a luta e morte no

picadeiro, bem como adentrar na mente daquele animal, forte e gigantesco, e mostrar suas sensibilidades, sua solidariedade com os colegas na arena e sua resistência orgulhosa diante da carnificina preparada pelos toureiros e auxiliares.

No cárcere na praça de touros, Miura recordava-se de sua vida, quando era o "rei da campina", "Um ser livre e natural, um toiro nado e criado na lezíria ribatejana", reduzido a uma vida na "gaiola como um passarinho, condenado a divertir a multidão!" Ele lembrava-se da planície e do:

> [...] descampado infinito, loiro de sol e trigo... O ilimitado redil das noites luarentas, com bocas mudas, limpas, a ruminar o tempo...A fornalha escaldante, sedenta, desesperante, que o estrídulo das cegarregas levava ao rubro. [...]
> Refrescou as ventas com a língua húmida e tentou regressar ao paraíso perdido.
> A planície...[...]
> - A planície ... O bebedoiro da Terra-Velha, fresco, com água limpa a espelhar os olhos... (TORGA, 1996, p. 111 e 112)

Suas reminiscências da vida livre ocorriam, ao mesmo tempo, em que o touro Malhado estava na arena e ele mesmo encontrava-se "encurralado, impedido de dar um passo"; seu corpo ficou "inchado de raiva" e Miura "empurrou as paredes do cubículo, num desespero de Sansão". A angústia o consumia, enquanto ouvia-se o murmúrio das multidões e o som das cornetas. ... (TORGA, 1996, p. 111 e 112). Com o retorno do humilhado e vencido Malhado, chegou a vez de Bronco que foi aclamado, desafiado e morto, conforme percebeu pelas "notas lúgubres do clarim", "o dobre dos finados". O momento dele chegou:

> Subitamente, abriu-se-lhe sobre o dorso de um alçapão, e uma ferroada fina, funda, entrou-lhe na carne viva. Cerrou os dentes, e arqueou-se, num ímpeto.
> Desgraçadamente, não podia nada. O senhor homem sabia bem quando e como as fazia. Mas por que razão o espetava daquela maneira?
> Três pancadas secas na porta, um rumor de tranca que cede, uma fresta que se alargou, deram-lhe num relance a explicação do enigma da agressão: chegara a sua vez.
> Nova picada no lombo.
> - Miura! Cornudo!
> Dum salto todo muscular, quase de voo, estava na arena. (TORGA, 1996, p. 113)

A agressão ao animal começou com uma picada dolorosa e inesperada, que tinha a função de feri-lo, irritá-lo e torná-lo agressivo para a luta no redondel. No centro das atenções, ele marcou posição: "Com a pata nervosa escarvou a areia do chão. Um calor de bosta macia correu-lhe pelo rego do servidoiro. Urinou sem querer". (TORGA, 1996, p. 113) O magro toureiro entrou, com traje dourado. Miura olhou "aquela fragilidade de dois pés", o "manequim de lantejoulas", que iniciou um tipo de dança ardilosa, com batidas de pé, segurando a muleta rubra, para confundir o bicho:

> Mas o homem que visou, que atacou de frente, cheio de lealdade, inesperadamente transfigurou-se na confusão de uma nuvem vermelha, onde o ímpeto das hastes aguçadas se quebrou desiludido.
> Cego daquele ludíbrio. Tornou a avançar. E foi uma torrente de energia ofendida que se pôs em movimento. Infelizmente, o fantasma, que aparecia e desaparecia no mesmo instante, escondera-se covardemente de novo por detrás da mancha atordoadora. Os cornos ávidos, angustiados, deram em cor. (TORGA, 1996, p. 114)

Miura avançava sobre o pano vermelho, mas o toureiro esquivava- se. E o animal esfregou os cascos e os chifres no chão. O contraente mudou a tática, empunhando duas bandarilhas, sem o "pano mágico": "E por isso, quando se encontraram e o outro lhe pregou no cachaço, fundas, dolorosas, as duas farpas que erguia nas mãos, tinha-lhe o corno direito enterrado na fundura da barriga mole". Chifrado no ventre, ele foi levado moribundo para fora da arena.

Outro "farsante dourado", que tinha escudo de algodão, chegou e o touro reagiu: "Humilhado, com o sangue a ferver-lhe nas veias, escarvou a areia mais uma vez, urinou, roncou, num sofrimento sem limites. Miura, joguete nas mãos dum Zé-Ninguém!". E perseguiu o desesperado homem que correu rumo às arquibancadas e saltou, enquanto que o touro cravou os cornos na tábua dura da vedação. (TORGA, 1996, p. 116)

O fim do touro estava próximo: ele já tinha matado um e quase ferido outro. Um terceiro toureiro adentrou a arena, portando o pequeno estoque de metal, de formato triangular, que deveria perfurar o seu coração. Quatro vezes, Miura o atacou e entendeu que aquele apetrecho afiado traria sua salvação, no "próprio sítio da sua humilhação": "Calada a lâmina oferecia-se inteira. Calmamente, num domínio perfeito de si, Miura fitou-a bem. Depois, numa arremetida que parecia ainda de luta e era de submissão, entregou o pescoço vencido ao alívio daquele gume". (TORGA, 1996, p. 117)



Fig. 8- Touro morrendo na arena

Miura, o "rei da campina", saudoso de sua vida em liberdade na "lezíria ribatejana", percebe que se encontra em uma luta mortal, da qual não conhece as regras, pois não consegue entender as artimanhas praticadas pelo toureiro nos volteios do pano vermelho. Ele se imola para encontrar a paz nas campinas verdejantes de sua terra natal.

Conclusão.

A escrita do conto *Miura*, no qual o animal deveria ser morto na arena, pode indicar uma contradição entre uma prática cultural, baseada na busca de entretenimento popular, e o costume do próprio escritor Torga, o de participar de caçadas de aves silvestres e matá-las para fins alimentícios. Trata-se de extermínios de animais, o primeiro, de tortura para gozo da plateia e, a segunda, de eliminação para uso na culinária tradicional.

Na narrativa *Miura*, que faz parte da antologia *Bicho*s, o escritor Miguel Torga demonstra ser um "intelectual engajado", na perspectiva de Sartre, ao denunciar um costume cultural cruel que causa sofrimentos a um animal, em uma forma de entretenimento da população que paga ingressos e animaliza-se ao vibrar, com palmas e gritos, com a tortura crescente do touro. Trata-se de um texto de denúncia social e, não, de uma obra de literatura engajada.

O conto tem uma perspectiva de crítica sociocultural ao denunciar os maus tratos infringidos a animais para deleite de pessoas delirantes, que apoiam a permanência de um espetáculo sangrento. O toureiro, envolto em música, palmas, brados e gritos, provoca o touro que, muitas vezes, causa a mutilação, a deficiência física permanente e a morte terrível do homem.

No Brasil, as touradas e as rinhas de galo foram proibidas pelo Decreto 24.645, de 10 de julho de 1934, durante o 1º governo de Getúlio Vargas. Mas em Portugal, apesar de protestos de defensores dos direitos dos animais, a sangrenta prática ainda permanece,

Referências bibliográficas

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 15, nº 2, 2001.

CAETANO, Sérgio. As touradas em Portugal: breve história de uma atividade polêmica. 10 abr. 2013. Disponível em: < http://basta.pt/astouradasemportugal/>. Acesso em: 12 out. 2019.

CANCLINI, Néstor Garcia. Políticas culturales y crisis de desarrollo: um balance latino-americano. In: _____ (Org.). *Políticas culturales em América Latina.* Mexico: Editorial Grijalbo, 1987. p. 13-59.

CAPEIA ARRAIANA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capeia_arraiana>. Acesso em: 12 out. 2019.

CAPUCHA, Luís. Festas de touros. Revista *Anthropológicas*, ano 17, v. 24, p. 145-179, 2013.

_____. Touros e touradas. In: PORTUGAL MODERNO: Tradições. Lisboa: POMO. Ed. Portugal Moderno, 1992. p. 710-725.

CONTEMPORÂNEO DE MIGUEL TORGA DESTACA HOMEM SOLITÁRIO, ÍNTEGRO E DURO. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/cultura/contemporaneo-de-miguel-torga-destaca-homem-solitario-integro-e-duro_n159601>. Acesso em: 28 set. 2020.

CUCHE, Denys. *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais.* Trad. de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FALEIROS, Mônica Oliveira. *Entre a liberdade e a opressão*: uma leitura comparativa de "Mago" de Miguel Torga e a fábula "O lobo e o cão". XI Congresso Internacional da ABRALIC, Tesituras, Interações, Convergências, 13 a 17 jul. 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/008/MONICA_FALEIROS.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

FERREIRA DE CASTRO, José Maria. A propósito da legalização dos touros de morte em Portugal. *A Batalha*: Semana Ilustrado, nº 29, 16 jun. 1924. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/campanha-contra-as-touradas-no-mundo/a-morte-do-touro-ferreira-de-castro/184892991561193>. Acesso em: 12 out. 2019.

HÁ CAÇA COM FARTURA. 16 ago. 2006. Disponível em: < https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/ha-caca-com-fartura>. Acesso em: 28 set. 2020.

LEGISLAÇÃO. Declaração do México, 1982. Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Declara%C3%A7%C3%A3o-Confer%C3%AAncia-Mundial-sobre-Pol%C3%ADticas-Culturais-Mondiacult-M%C3%A9xico-1982.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

MIURA. 2. mai. 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/miura.rocks/photos/para-quem-n%C3%A3o-sabe-miura-%C3%A9-uma-ra%C3%A7a-de-touro-possante-%C3%A1gil-e-feroz-criada-na-and/157233891119815/>. Acesso em: 12 out. 2019.

PINA, Joana V. de. *Espaço de Cultura no Campo Pequen*o: definição de uma estratégia. 2012. Dissertação. (Mestrado em Práticas Culturais para Municípios). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7891/1/Tese%20Joana%20Pina.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

PORTUGAL. Decreto Regulamentar nº 62/ 91, de 29 de novembro (Regulamento para dignificar o Espectáculo Tauromáquico em Portugal). Disponível em: < https://dre.pt/application/conteudo/308334>. Acesso em: 12 out. 2019.

PORTUGAL. Regulamento do Espetáculo Tauromáquico (RET)<https://www.igac.gov.pt/documents/20178/288252/manual+altera%C3%A7%C3%B5es+legislativas.pdf/ead54330-3406-42bf-a6be-631871aefc42>. Acesso em: 12 out. 2019.

PORTUGAL. Decreto-Lei nº 89/2014 de 11 de junho. (Novo Regulamento do Espectáculo Tauromáquico). Disponível em: <https://www.igac.gov.pt/documents/20178/288252/manual+altera%C3%A7%C3%B5es+legislativas.pdf/ead54330-3406-42bf-a6be-631871aefc42>. Acesso em: 12 out. 2019.

PORTUGAL. Lei nº 31/2015 de 23 de abril. Estabelece o regime de acesso e exercício de atividade de artista tauromáquico e de auxiliar de espectáculo tauromáquico. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/67059137/details/maximized>. Acesso em: 12 out. 2019.

ROSA, Maria Cecília A. de. *Dicionário de símbolos*: o alfabeto da linguagem interior. São Paulo: Escala, 2009.

RUBIM, Antonio A.C. Políticas culturais: entre o possível e o impossível. In: NUSSBAUMER, Gisele M. (Org.). *Teorias e políticas da cultura no Brasil e na Bahia*. Salvador: UFBA, 2007.

SARTRE, Jean- Paul. *Que é a literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TAUROMAQUIA. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tauromaquia>. Acesso em: 12 out. 2019.

TEIXEIRA, Fernando. *O touro e o destino*: Morte e ressurreição a las cinco en punto de la tarde. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa, 1994.

TORGA, Miguel. Miura. In: _____. *Bichos*. Prefácio do autor.8. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 109-117.

TOURADAS NA CULTURA. Disponível em: <https://www.touradas.pt/tauromaquia/cultura>. Acesso em: 12 out. 2019.

TOUROS, TOURADAS E CULTURA. *Revista Digital*, 16 set. 2016. Disponível em: < https://www.revistadigital.com.br/2016/09/touros-touradas-e-cultura/>. Acesso em: 12 out. 2019.

Iconografia

Fig. 1- Póvoa de Varzim (Portugal): Toureiro com a muleta (pano vermelho) e touro ferido com bandarilhas. Disponível em: <https://ominho.pt/apoiantes-de-touradas-na-povoa-de-varzim-lancam-peticao-contra-decisao-da-autarquia-de-banir-as-corridas-de-touros/>. Acesso em: 12 out. 2019.

Fig. 2- Cartaz da corrida nas Caldas da Rainha (27 de julho de 2019): Nome dos 6 toureiros e dos 6 touros de pela gemjabonera. Disponível em:<http://patioquadrilhas.blogspot.com/2019/07/cartaz-da-corrida-nas-caldas-da-rainha.html>. Acesso em: 12 out. 2019.

Fig. 3- Adolfo, acompanhado de cão caçador e de uma espingarda, com perdizes abatidas presas em um cinto. Disponível em: <http://purl.pt/13860/1/zoom-ba-2769-a_y_102_p0.htm>. Acesso em: 28 set. 2020.

Fig. 4- Touro: Signo do Zodíaco. Disponível em: <https://www.antenacritica.com.br/2019/09/12/horoscopo-de-hoje-do-signo-touro-horoscopo-do-dia-13-de-setembro-de-2019/>. Acesso em: 12 out. 2019.

Fig. 5- Afresco do salto do touro (1550-1450 a.C.). Palácio de Knossos, Creta. Disponível em: <http://greciantiga.org/img.asp?num=0052>. Acesso em: 12 out. 2019.

Fig. 6- A lide do touro com forcão (Capeia arraiana). Disponível em: < https://www.anda.jor.br/2019/08/ong-denuncia-morte-de-animal-em-tourada-de-portugal/>. Acesso em: 12 out. 2019.

Fig. 7- Miguel Torga e os Bichos (Pintura de Anafonso). Disponível em: <https://dokatano.blogspot.com/2014/05/miura-um-conto-de-miguel-torga.html>. Acesso em: 12 out. 2019.

Fig. 8- Touro morrendo na arena. Disponível em: <https://fotos.web.sapo.io/i/o3812dcc5/14094870_TdDBt.jpeg>. Acesso em: 12 out. 2019.